

INFORME

INFORMATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS Nº 51 ABRIL/2009

ARTIGOS

Para lembrar os 75 anos de nossa Faculdade, o *Informe* inicia, com este número, uma série de depoimentos de professores representativos dos vários campos do saber que compõem a FFLCH-USP.

Como não poderia deixar de ser, começamos com a disciplina que é a célula *mater* da Escola, a Filosofia, vista pelos olhos de um de seus mais notórios praticantes, o professor José Arthur

Giannotti. Filósofo formado pela Faculdade e, por sua vez, formador de gerações de alunos de filosofia, o professor Giannotti sempre esteve fortemente ligado ao departamento de Filosofia e assim continua, pois, mesmo agora, que está aposentado por idade e não mais, como a partir de 1969, por razões políticas, ministra disciplina para alunos do primeiro ano de graduação.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS LEMBRANÇAS

PROF. DR. JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – FFLCH-USP

Antes da fundação tardia da Universidade brasileira havia muitos institutos perfeitamente consolidados, com suas tradições próprias. A prática da filosofia, porém, sempre foi marginal, pouco sistemática, infiltrada pelo tomismo ensinado nos seminários católicos. Cruz Costa sempre nos lembrava que as idéias chegavam até nós como vagas e, desde o Império, a França era responsável pela maioria desses aportes. Mas na década de 30, o Brasil inteiro foi varrido por uma onda de modernização e se abriu para o mundo.

Como se sabe, a Universidade de São Paulo foi fundada em reação da elite paulista à derrota de 32. Haveríamos de ser mais modernos do que propunha a modernização varguista. Para reunir os centros isolados sob um novo projeto científico e pedagógico, imaginou-se um instituto global, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, capaz de preparar novos pesquisadores e educadores. Esse mapa do saber foi recortado e Filosofia, História, Ciências Sociais e

Matemática foram entregues a uma missão francesa, escolhida a dedo, o que nos permitiu entrar em contato com o melhor que a França estava produzindo no momento. O primeiro professor de Filosofia *en mission* foi Etienne Borne, mas foi Jean Mogué quem deixou sua marca no novo instituto. Egresso da Escola Normal da rua d'Ulm, pertencia à nata do parisiense. A Filosofia era um de seus afazeres, tanto é assim que de volta à França faz carreira diplomática, somente no fim da vida voltou a ensinar. Seus cursos, muito elaborados e elegantes, atraíam as senhoras da sociedade e faziam enorme sucesso. Considerava os filósofos do ponto de vista histórico, valorizando os clássicos. Qual deve ter sido então o espanto dessas senhoras quando Mogué ministrou um curso sobre Marx.

Entre os primeiros formandos estavam João Cruz Costa e Lívio Teixeira, cada um passando a ocupar uma cátedra. Lívio era um professor de história consciencioso, que nos introduzia nos meandros da in-

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITORA:

Profa. Dra. Suely Vilela

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

VOCE-DIRETOR:

Prof. Dr. Modesto Florenzano

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros (Membro Assessor).

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**COORDENAÇÃO:** Eliana B. da S. A. Barros - MTb. 35814**DIRETORA TÉCNICA DE SERVIÇO:** Dorli H. Yamaoka - MTb. 35815**EQUIPE TÉCNICA:** Erbert A. da Silva - MTb. 35870, Eusébio Gregório Costa e Sílvia C. Tamasso D'Onofrio**MONITORIA:** Priscilla Vicenzo da Silva e Renato Rostás**ESTÁGIO:** Laís Lucas Moreira, Renato Santino e Roberta Cyrillo**ESTA EDIÇÃO****COORDENAÇÃO:** Eliana B. da S. A. Barros**DIAGRAMAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka**REDAÇÃO E REPORTAGEM:** Priscilla Vicenzo da Silva, Renato Rostás, Renato Santino**REVISÃO:** Priscilla Vicenzo da Silva**FOTOS:** Eusébio Gregório Costa**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Gráfica da FFLCH**TIRAGEM:** 1200 exemplares

Sumário

ARTIGOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

LEMBRANÇAS 1

POR PROF. DR. JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI

AS MULHERES E SUAS HISTÓRIAS 5

POR PROF^a DRA. ENI DE MESQUITA SAMARA**MEMÓRIA**ENTREVISTA – PROF^a DRA. SALETE CARA (DL/DLCV) 6

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

QUANDO A IMAGEM NÃO É SUFICIENTE 8

POR RENATO ROSTÁS

Andamento das reformas dos prédios 9

POR RENATO SANTINO

EVENTOS

DOAÇÃO DE LIVROS 9

CURSO DE LETRAS DA FFLCH RECEBE NOTA MÁXIMA DE REVISTA 10

POR RENATO SANTINO

FACULDADE DE FILOSOFIA ADERE AO PROJETO USP RECICLA 11

POR PROF^a DRA. MARLENE SUANO

OUTORGA DO TÍTULO DE PROFESSORA EMERITA 13

PROFA. DRA. MARLYSE MADELEINE MEYER

PRODUÇÃO DA FACULDADE 14

terpretação de texto. Cruz Costa vinha marcado pelo positivismo, para ele o problema do Ser se resumia à dificuldade do Serviço de Entregas Rápidas. Montava seu curso no manual de Cuvilier, texto padrão inclusive para seus jovens assistentes. No entanto, importantes eram suas divagações, insistindo nas peculiaridades de se fazer filosofia num país como o nosso. Gostava de Alain, de Montaigne e porejava ceticismo, o Brasil era seu grande interesse. Não estudava sistematicamente, lia o que lhe caía nas mãos. Não se interessava pela filosofia contemporânea. Quando comecei a estudar fenomenologia – obviamente pelo viés da lógica, pois a ontologia era monopólio da direita –, ralhava comigo, mas não deixou de me presentear com os três volumes traduzidos das *Investigações lógicas* de Husserl, que tinha folheado aleatoriamente. Como era costume na época, cuidava muito bem de sua biblioteca, já que as públicas eram raras.

Quando entrei na Faculdade, em 1950, a memória de Mogüé tinha se apagado. Se Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza ainda se lembravam dele, Laerte Ramos de Carvalho e Roque Spencer Maciel de Barros, como Gilda, os assistentes mais próximos de Cruz Costa, simplesmente o ignoravam. Estes faziam parte da geração que Florestan Fernandes denominava a geração “between”, entre os pioneiros da primeira turma e nós, os cultores de novas técnicas científicas. Muitos dos “between” estavam ligados à Revista *Clima* e Oswald de Andrade a eles se referia como os “chatoboy”, sublinhando a seriedade do novo tipo de intelectuais.

Importante para o perfil do curso de Filosofia foi Laerte e Roque terem se transferido para a cátedra de Educação. Isto nos obrigou a desempenhar tarefas administrativas muito cedo. Vínhamos, além do mais, com outros interesses e logo percebemos que Gilles-Gaston Granger respondia às nossas indagações melhor que os outros professores. Tal foi nosso encanto que tivemos cursos suplementares de lógica e epistemologia durante os três primeiros anos do bacharelado.

Procuramos seguir à risca o conselho de Gaston Bachalard, havíamos de nos casar com uma ciência. Aproveitei das optativas para seguir cursos de análise, teoria dos conjuntos e topologia. As ciências sociais importavam a todos, seguíamos as aulas de Florestan Fernandes e mantínhamos contatos com Antonio Candido; e não foi à toa que quatro de nós prestamos o concurso de Sociologia para a Escola

Normal, passando, em 1955, a lecionar no interior. Esperávamos ser comissionados para a Faculdade, que não tinha verbas disponíveis para nos contratar. Veio o Governo de Jânio Quadros e ficamos por lá.

Convém insistir no interesse dessa turma pelas ciências. Os jovens turcos, como Cruz Costa nos chamava, esperavam formar departamentos desenvolvendo uma pesquisa moderna, rigorosa, o de Filosofia apostando no estudo dos clássicos e dialogando com as outras áreas. Mas Roberto Cardoso de Oliveira terminou virando antropólogo e se instalando no Museu do Índio, trabalhando com Darcy Ribeiro. Rodolfo Azzi virou psicólogo e trouxe o behaviorismo skinneriano para a Faculdade. Entre os novos recrutas, Bento Prado continuava fiel à literatura, mas Ruy Fausto se entupia lendo Piaget.

Em 1956 fui para Rennes, atrás de Granger, onde ainda encontrei Victor Goldschmidt. Mas em Paris mantinha contato com Claude Lefort, que já encontrara no último ano da Faculdade, e que logo tratou de me introduzir no grupo *Socialisme et Barbárie*, recém fundado. No ano seguinte segui os cursos de Jules Veuillemin, Martial Gueroult, que já conhecia do Brasil, e as aulas de Merleau-Ponty no Colégio de França. Oswaldo Porchat já estava em Rennes, ajudando a formar o circuito Goldschmidt por que passaram Rubens Rodrigues Torres, Marilena Chauí e tantos outros. Lembro esses fatos para mostrar como tivemos a sorte de escapar do ensino de massa, o que nos deu a oportunidade de tomar distância das idéias dominantes nos círculos franceses. O chamado “método estruturalista” não era bem visto pela ideologia da época. Mas também para sublinhar que cada um de nós retirávamos do ensino francês o que nos convinha segundo nossos próprios interesses

De volta ao Brasil me integro no projeto dos colegas de minha geração visando institucionalizar a prática do saber e dar-lhe uma forma mais precisa. Quando passamos a nos reunir para ler *O capital*, de Marx, pretendíamos completar nossa formação e encontrar formas de entender o mundo moderno. Cada 15 dias, nos reuníamos na casa de um de nós, dissecávamos um capítulo, jantávamos e discutíamos Brasil até tarde. Logo no início participaram antigos alunos: Bento Prado Jr., Roberto Schwarz e Michael Löwy, mas só este último se manteve assíduo. O projeto institucional era tão presente que, em 1969, seis meses depois de alguns de nós terem sido expulsos da Universidade, tratamos de fundar o CEBRAP. Mais do que transformar

o mundo, queríamos transformar o Brasil e, se pensávamos no socialismo era para refletir numa transformação do mundo onde teríamos lugar.

Insisto nesses pormenores para salientar que o mitificado “Seminário de Marx” e a institucionalização do Departamento de Filosofia se fizeram no cruzamento de um projeto institucional de formação de quadros, de criar um público leitor de Filosofia, de moldar a língua portuguesa na tradução dos clássicos. Como nos dizia Fidelino de Figueiredo, Portugal formou sua língua quando nada mais tinha a dizer à Europa, e a filosofia portuguesa tinha sido escrita em latim. A ideologia era, pois, contrabalançada por interesses institucionais práticos e pelo cultivo das ciências. Se o diálogo com o marxismo era impositivo, continuávamos antenados às vicissitudes da economia e depositávamos confiança na razão. Por isso, fora a pesquisa clássica de Adorno sobre a personalidade autoritária, passamos ao largo da Teoria crítica.

Os departamentos foram criados graças a um movimento político visando a modernização da Universidade. Cruz Costa nunca aderiu a ele, só depois de sua aposentadoria, Lívio admite entregar a chefia a um colegiado. A ideologia era a da modernização, formar profissionais competentes que não caíssem nas fumaças da improvisação. Por isso não prestamos a devida atenção ao ISEB e por muito tempo não entendemos sua influência.

Por certo continuávamos afrancesados. Mas não se deve interpretar como atestado ideológico a *boutade* de Michel Foucault, que, em sua primeira visita ao Brasil, ministrando um curso baseado nas páginas inéditas de *Les Mots et les choses*, ao ser perguntado se se sentia deslocado, respondeu “Mas vocês são um departamento francês de filosofia de ultramar”. Não é porque falávamos francês que nos identificávamos com as modas francesas. Basta lembrar nosso combate contra a onda althusseriana que terminou passando com a mesma rapidez com que aquela de Habermas está passando. O trabalho de formar o pensamento filosófico fazia parte de um projeto institucional que extravasava os limites da própria filosofia e deitava raízes na prática científica brasileira.

Cabe ainda lembrar que a filosofia francesa, para nós, também se abasileirava. Gérard Lebrun participou da formação do Departamento junto com a nova geração, criticando o viés hegeliano de nossa interpretação de Marx – no final das contas *La patience du Concept* foi escrito numa polêmica contra nós. Foi um companheiro de viagem, participan-

do do debate nacional, escrevendo artigos para a imprensa, comentando os acontecimentos, denunciando nossas ingenuidades até ele mesmo cair nos braços do “neo-liberalismo”.

Mas sem querer acabamos pagando um preço pelo projeto institucional. Quando a cátedra ocupada por Cruz Costa foi a concurso, por volta de 1954, vários candidatos se apresentaram. Oswald de Andrade se inscreveu com opúsculo sobre a Antropofagia. Uma mistura de Bachoffen e Engels, cobrindo toda a história da humanidade. Muito seu amigo, fiquei escandalizado. Em primeiro lugar, Oswald não tinha formação filosófica, dificilmente um livro que me emprestava estava inteiramente aberto e, quando o livro era mais técnico, apenas as primeiras páginas estavam marcadas. Consulte-se a bibliografia dessa sua tese, onde as referências se limitam a “Aristóteles: obras”, “Kant: obras” e assim por diante. Somente muito mais tarde vim a perceber a beleza do texto do ponto de vista literário.

Também se inscreveram Vicente Ferreira da Silva – que já conhecia por ter freqüentado seus seminários na Rua Gal. Jardim –, Roland Corbisier, Luiz Pinto Nazário e outros cujos nomes não me lembro. A Faculdade se assusta e consegue que valessem apenas as inscrições de quem tinha bacharelado de filosofia; não valiam os cursos de filosofia dados na Faculdade de Direito, nos Seminários e assim por diante. Candidato único, Cruz Costa não teve problema em vencer o concurso. Em vez de montar uma banca internacional, capaz de marcar o concurso com um novo padrão, ela lançou a semente do *inbreeding* que hoje a devora.

Também nossa produção pagou tributo ao projeto institucional. As teses foram apressadas. Eu mesmo, em vez de levar adiante o estudo sobre a lógica de Husserl, terminei escrevendo sobre a lógica de Stuart Mill. Do mesmo modo, o estudo da dialética marxista se transformou num estudo sobre o jovem Marx. Bento Prado Jr. foi instado a prestar concurso de livre docência pulando o doutoramento. E depois de nossa aposentadoria forçada em 69 houve uma corrida para que os jovens professores fossem titulados.

Oswaldo Porchat Pereira seguiu trajetória diferente: em 1957 estava em Rennes, refazendo seu bacharelado, mas já se concentrando em Aristóteles. Termina sua tese apenas em 1967, desinteressa-se por ela que somente vem a ser publicada em 2001. Volta a ser aluno para estudar lógica matemática nos Estados Unidos, de volta, encontra um Departamento onde o estudo de lógica era por alguns considerado alavanca do imperialismo, desloca-se para a

UNICAMP, lá fundando o Centro de Lógica. Mantinha-se fiel ao mesmo projeto.

Foi difícil compreendermos o sentido do golpe de 64 e a repressão desencadeada depois do AI-5. No início acreditávamos que os militares não teriam condições de enfrentar a modernização do país. Nem avaliamos corretamente o poder de nossos adversários no processo de reforma da Universidade. Em 1965 os inquéritos militares deram em nada, somente a Faculdade de Medicina foi atingida. Mas em 68 a repressão aperta e se articula, a própria Universidade colabora com a repressão. Gama e Silva perdera o controle do Conselho Universitário e, dando o troco, ajuda a formar uma comissão interna para fazer o expurgo. Colegas denunciam colegas, formando uma lista de mais de 70 “subversivos”. Pelo rádio ficamos sabendo de nossas demissões. A reação foi grande e a lista se limitou a 28 professores. Convém aqui lembrar que, salvo engano meu, a Universidade como um colegiado nunca se posicionou contra a ditadura.

O movimento estudantil avançava a passos largos, mas se isola e perde o controle da situação. A contestação de 68 se confronta com nosso projeto. A “competência” é denunciada como arma ideológica. Ainda cada unidade fazia seu vestibular e houve muita pressão para que admitíssemos estudantes

segundo seu grau de militância. Uma nova intelectualidade revolucionária haveria de surgir. Muitos de nós tentamos fazer a mediação, não nos recusamos a dar aulas sobre o marxismo na Faculdade ocupada. Mas não acreditávamos na luta armada, impossível a partir da cidade no momento em que a economia funcionava a todo vapor. Obviamente não deixamos de nos arriscar abrigo para colegas e alunos perseguidos. Era-me evidente que se ensimesmando os estudantes perdiam contato com a sociedade e aqueles que foram para luta armada transformaram seu heroísmo num ato de imolação, mas fora do jogo político.

Ao se separar das ciências mais duras, a nova faculdade, de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, perde peso no contexto da Universidade. Nos laboratórios os pesquisadores são obrigados a se reunirem, isolados nas salas de aula os professores tendem a fazer o que querem. Perdem de vista o projeto pedagógico coletivo e, quase sempre, deixam de se interessar pelo sentido da instituição. Nesse vácuo, a sindicalização aplaina as diferenças e os sindicatos, de professores e funcionários, tendem a ajustar suas lutas ao contexto maior da luta sindical nacional deixando de lado as peculiaridades do trabalho universitário.

AS MULHERES E SUAS HISTÓRIAS

PROF^a DRA. ENI DE MESQUITA SAMARA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – FFLCH-USP

Figuras tênues nos livros de História, as mulheres apenas recentemente foram pesquisadas e passaram a ser personagens, o que vem provocando uma revisão geral dos assuntos nas diferentes áreas do conhecimento.

E é por isso que eu quero começar com alguns documentos de época que iluminam para os historiadores, situações e comportamentos que nos pareciam impossíveis de acontecer a algumas décadas atrás.

Sabemos que, no passado colonial brasileiro para efeitos de partilha por morte de um dos cônjuges, aquele que sobrevivesse estaria naturalmente encarregado da divisão do patrimônio. Assim, morrendo o marido, a esposa assumia o papel de “cabeça de casal” e ocorrendo o inverso, o marido continuava a ocupar a mesma posição, adquirida a partir da celebração do casamento. No entanto, diferentes histó-

rias de mulheres nos mostram que na prática isso podia não acontecer, revelando que a submissão feminina era mais um mito que realidade.

Vejamos o exemplo de *Maria da Anunciação*, uma mulher do século XVIII. Pelo que arrola o seu inventário era uma senhora rica. Tinha escravos, inúmeras jóias (anéis, correntes, adereços, brincos de topázio, ametista, ouro e diamantes) e também sabia assinar. Parte dos inúmeros outros bens em terras, casas, objetos, escravos e roupas foram, no entanto, levados a leilão em hasta pública para pagamento das suas dívidas. Os fragmentos que transcrevemos não indicam se o casamento fora regido por contrato ou meação, mas mostram com clareza que Maria da Anunciação ao morrer privilegiava o irmão em detrimento do marido. Este queixando-se da partilha qualifica a atitude da “falecida” de “escandalosa” e

“maldosa”, pois legara a ele trastes de couro, roupas e os piores escravos (doentes, cegos e sífilíticos)¹.

Ao que tudo indica, Maria da Anunciação, falecida em 1795, desafiava, ainda que na morte, o poder do marido, o Capitão Antonio Francisco Baruel, membro de uma das mais importantes famílias de Mogi das Cruzes.

Exemplos como o de Maria da Anunciação são comuns nos documentos dos séculos XVII ao XIX, o que mostra que apesar da rígida divisão de papéis para homens e mulheres assentada em costumes e na legislação nem sempre as mulheres assumiam a posição de vítimas.

É o caso de um casal de italianos, que contraíram matrimônio em 1855 já no Brasil. Ele doente, por prescrições médicas teve que retornar para a Itália onde deveria entrar em tratamento médico e em banhos de mar em Castelmare. Para isso, “deixou sua dita mulher nesta capital, à frente do Hotel Jardim de Europa de sua propriedade, com procuração completa e geral para negociar, dirigir e administrar todos os bens do casal, manifestando assim o requerente que depositava inteira confiança em sua dita mulher. Voltando, porém, em fins do ano próximo findo, da Itália e chegando a esta Capital, ficou o requerente surpreendido por não encontrar o seu Hotel Jardim de Europa funcionando, por ter sua mulher feito do mesmo leilão, ou antes, um simulacro de leilão, achando a mesma sua mulher em uma casa de pensão, declarada como propriedade de um indivíduo de nome Michele Marzo, com quem se achava e ainda se acha a mulher do requerente franca, pública e notoriamente concubina como em ocasião

oportuna evidentemente se provará”. Ora, como pelos fatos expostos se constituiu entre o requerente e a mulher a separação imediata, tal fato, concorreu para o divórcio legal, com base no adultério que era considerado uma injúria grave. Assim, o italiano, com base nesta justificativa, propõe contra a sua mulher a ação de divórcio, “por meio do qual provando todo o seu alegado, deverá ser por sentença, decretado o divórcio com a separação legal dos corpos, a partilha dos bens do casal, que se acham em favor da requerida, sendo ela condenada nas custas e nos termos do art. 92 do decreto citado”². Os recursos, por parte da mulher, que seguem a essa petição de nada adiantaram e, na execução final do processo, esta é condenada com base nas provas de que esbanjara os bens do casal em proveito do amante.

A partir desses exemplos, é possível tomar o tema da História das Mulheres como um desafio, pois estes apresentam várias nuances, muitas delas em oposição às imagens que tínhamos sobre o passado. Nos levam a pensar inclusive que a criatura passiva, protegida e isolada, sugerida pelos estereótipos na realidade nunca existiu. Decidindo e gerenciando negócios, tinham mais direitos que as anglo-saxônicas do mesmo período. Relatos de situações nas colônias ibéricas indicam ainda que em alguns casos eram mais poderosas que os homens.

E não são poucas as cenas de valentias nas quais contracenavam as mulheres dos primeiros tempos, filhas e esposas dos povoadores.

Por tudo isso, devem ser reverenciadas e ter o lugar que merecem na nossa História.

¹ Apud Samara, Eni de Mesquita. *Família, mulheres e povoamento*. Bauru: Edusc, 2003, pp. 79.

MEMÓRIA

ENTREVISTA – PROF^a DRA. SALETE CARA (DL/DLCV)

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

INFORME - Gostaria que a senhora comentasse como foi sua escolha pelo curso de Letras. Quais motivos a levaram a optar pelo curso? E como era o curso na época de sua graduação?

Salette Cara - Com certeza foi o gosto pela leitura, os amigos com quem tive o privilégio de conviver, e a escola pública de uma cidade do interior, São João da Boa Vista, que estimulava as disposi-

ções intelectuais dos jovens alunos não apenas interessados em literatura. Do ginásio ao colegial, guardo também especial lembrança dos professores de geografia, latim e biologia. Compensando a inexistência de uma bem fornida biblioteca havia entre eles, muitos vindos da USP, um clima de colaboração no melhor sentido, o da disposição comum que entusiasmava o aluno para uma formação pessoal que, ao mesmo tempo, era caminho para cumprir melhor seu papel de sujeito do próprio tempo. Ao entrar na graduação da USP senti uma continuidade desse clima, com foco ainda mais produtivo, dada a resposta então exigida pelos acontecimentos: era o ano de 1968, e ficava claro que qualquer trabalho intelectual só poderia sair ganhando ao assumir seu sentido social. No entanto, quando a FFLCH mudou para o *campus*, foi possível perceber que os tempos já eram outros, e que o clima de especialização e compartimentalização do saber começava a impor o seu tom, naturalmente para pior.

INFORME - Em sua pós-graduação, a senhora estudou a produção de crítica literária no Brasil, inclusive do momento parnasiano-simbolista, abordado com não muita frequência. Como se deu sua escolha pelo tema?

SC - A escolha veio de um trabalho em equipe durante os seminários de pós-graduação, nos anos 70, coordenado por Antonio Candido de Mello e Souza. Muita leitura de teorias críticas, combinada à apresentação individual de textos para discussão com os colegas. Na verdade, o coordenador tinha um projeto na manga da camisa – o estudo do final do século XIX e dos impasses do Pré-Modernismo – para propor como assuntos de pesquisa aos seus orientandos. Muitos do grupo aceitaram a sugestão do orientador, e puderam tocá-la de acordo com suas próprias disposições e tendências.

INFORME - A senhora iniciou sua carreira docente na FFLCH lecionando disciplinas do Departamento de Linguística. Como foi a experiência como docente da FFLCH? Lecionar Linguística já estava em seus planos, uma vez que suas pesquisas estavam voltadas à área literária?

SC- Não, não estava. Uma circunstância acadêmica acabou me levando ao concurso no Departamento de Linguística. Passei aqueles anos de

docência bastante dividida entre uma formação particular na área literária e o campo de interesse das disciplinas básicas de Linguística, exigidas para a graduação. Os cursos de pós-graduação davam mais liberdade e permitiram algum trânsito com minha formação de origem. Na pós dei cursos sobre o filólogo, folclorista, historiador, gramático e crítico literário brasileiro João Ribeiro, figura importante nos debates lingüísticos e literários do final do século até os anos 1920-1930, e sobre os problemas propostos pelos romances de Dostoiévski a estudiosos de língua e literatura.

INFORME - A senhora passou a integrar o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas em 1998, após sua aposentadoria pelo DL. Como se deu essa transição de departamento? A senhora continuou a lecionar pelo DLCV?

SC - A aposentadoria é que permitiu a passagem. Como minha pesquisa literária tinha ficado suspensa, aceitei com muita alegria o convite e a oportunidade de retomá-la integralmente no DLCV, área de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa. Desde 1998 venho atuando como professora da pós-graduação e orientadora de mestrado e doutorado.

INFORME - Neste ano a FFLCH está completando 75 anos. Como a senhora vê a situação atual da Faculdade e quais são suas expectativas para o futuro da instituição?

SC - Penso que a vocação da FFLCH deverá ser afirmar com clareza seu caráter de bem comum e público. É esse caráter que permitirá à Universidade estar efetivamente presente no processo de emancipação da sociedade à qual pertence, incluindo os cidadãos como parceiros na luta contra a mercantilização generalizada da produção e dos produtos científicos e intelectuais, submetidos a interesses privados, políticos e estatais. Por enquanto, esse empenho não é uma causa comum. Minha expectativa é a de uma discussão aberta – na FFLCH e na Universidade – dos critérios das políticas científicas e tecnológicas, do ritmo produtivista que desfibra o trabalho intelectual, das razões do desinteresse pelo sentido social do trabalho acadêmico e do interesse generalizado pela boa colocação em avaliações pouco capacitadas para medir qualidade de produção e pesquisa.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

QUANDO A IMAGEM NÃO É SUFICIENTE

LABORATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA OCUPA PAPEL IMPORTANTE NO ENSINO DA CARTOGRAFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS
POR RENATO ROSTÁS

Se hoje, após a Constituição brasileira de 1988, que garante a acessibilidade para portadores de deficiência, a vida dessas pessoas já é difícil, sem certas iniciativas, seria impossível. Na Universidade existem algumas e, entre elas, está o programa “USP Legal” – cujo braço “FFLCH Legal” foi recentemente aprovado pela diretora da Faculdade, professora Sandra Nitri – e, além deste, um trabalho importante e incomum em nosso país: a pesquisa na área da cartografia tátil.

Cartografia tátil, como o nome sugere, trata da criação e do estudo de mapas levando em conta o sentido do tato, em vez da visão, que é o tradicional. No Brasil, essa é uma prática que ainda engatinha, mas na FFLCH há um laboratório que é referência na área, o Laboratório de Ensino e Material Didático (Lemadi), do Departamento de Geografia, coordenado pelo professor Francisco Capuano Scarlato, com vice-coordenação da professora Regina Araújo de Almeida e auxílio técnico de Waldirene Ribeiro do Carmo.

A professora Regina, aliás, foi a primeira a se interessar pela cartografia tátil, apenas uma das linhas de pesquisa do laboratório. Como permitir o acesso de deficientes visuais a um material que se baseia quase completamente em imagens? Esse era o desafio da professora quando decidiu seguir esse estudo durante seu doutorado, em 1988.

A professora Regina conta que a ausência de material em nosso país foi um grande complicador no começo. Na época, quem dominava a produção de conteúdo para deficientes visuais eram as grandes fundações privadas criadas há muito tempo com a função de auxiliar essas pessoas. A prática da cartografia tátil, por exemplo, era difundida no hemisfério norte, mas ainda assim, conta a professora, foi uma grande luta fazer com que fosse aceita na Associação Cartográfica Internacional.

Entre os pesquisadores do Lemadi está Carla Sena, que também enveredou seus estudos para esse campo. Durante o doutorado, reproduziu uma maquete multisensorial do centro antigo da cidade de São Paulo – uma maquete que une o aspecto tátil e também o sonoro. Um dos objetivos de Carla era descobrir como trabalhar com deficientes visuais a questão das mudanças urbanas, que são facilmente reconhecidas visualmente, mas tornam-se mais complicadas de se perceber quando a visão é comprometida.

Essa maquete produzida no doutorado de Carla Sena pode ser vista no Lemadi. Não só ela, mas também mapas de diferentes regiões, com diferentes tipos de técnicas de produção estão armazenados no laboratório e abertos para utilização do público. O objetivo é fazer com que o ensino da Geografia para deficientes visuais seja otimizado e, por isso, alguns *workshops* são realizados pelos integrantes do laboratório e é costume haver simpósios e palestras sobre o assunto – no Brasil e no exterior. Mas é no interesse dos professores de Geografia dos Ensinos Fundamental e Médio em comparecerem ao Lemadi que está o que a professora Regina considera fundamental.

A cartografia tátil na América Latina já é uma realidade palpável. Há um Centro de Cartografia Tátil na Argentina e o grupo de pesquisadores do Lemadi já viajou para lá e para países como o Chile e o Canadá, a fim de aprender sobre o assunto e ensinar o que já sabem. A professora Regina acredita que seu trabalho, realizado há mais de 20 anos, ajudou a abrir os olhos de professores para o assunto, mas que a hora agora é de permitir a acessibilidade à população necessitada, já que esta é uma questão em pauta.

Para Waldirene Ribeiro do Carmo, técnica do Lemadi, o grande problema realmente está na formação do professor: o erro está em não deixá-lo conhecer essa modalidade do ensino da Geografia.

A educação, nesse sentido, tem de ser uma prioridade, pois assim o acesso dos deficientes a um ensino de qualidade será facilitado. Carla Sena diz que hoje esse acesso não é bom e exemplifica lembrando que muito do material produzido no laboratório nem sequer chegou a ser utilizado.

Entre as melhorias pelas quais o sistema de ensino

para deficientes visuais deve passar está, também, o treinamento para professores com deficiência visual. Eles precisam ser capazes de aprender novamente, através desse método, e passarem esse conhecimento a seus alunos de maneira satisfatória. Para que isso aconteça, a própria rede de ensino deve apoiar professores com deficiência, que irão levar esse método adiante.

ANDAMENTO DAS REFORMAS DOS PRÉDIOS

POR RENATO SANTINO

As obras nos prédios da FFLCH continuam em ritmo normal neste mês de abril, dando prosseguimento a melhorias de estrutura e acessibilidade da Faculdade.

No prédio da História e Geografia, a reforma dos banheiros do corredor de professores está em andamento, enquanto são iniciadas as obras dos banheiros do andar térreo. Os do corredor das salas de aula, no entanto, já foram concluídos. Além disso, o elevador aguarda o projeto de reforço estrutural da laje e vigas para o prosseguimento dos trabalhos.

A Casa de Cultura Japonesa passa, atualmente, por um processo de adaptação no quesito acessibilidade, seguindo o recém-criado projeto FFLCH Legal. Com isso, a rampa para cadeirantes no anfiteatro está em fase de acabamento, além de prosseguir a

instalação de corredores adaptados. Também serão instalados bebedouros em todos os andares.

Nas Ciências Sociais, as principais obras se dão na sala 14, com a adaptação da sala de som, além de ter início, em breve, a instalação de carpete e piso.

Nas Letras, segue a construção das marquises do prédio, além do acabamento das salas e dos banheiros do anexo novo, onde ainda está pendente a definição do tipo de revestimento. Também está sendo realizada a substituição de eletrocalhas na instalação elétrica e o fechamento das paredes das salas que ainda restavam.

No prédio da Administração da Faculdade, foi concluída a pintura e a instalação do forro no corredor. A reforma elétrica está prevista para ter início dentro de um ano.

EVENTOS

DOAÇÃO DE LIVROS

Em janeiro de 2009 a Biblioteca Central da FFLCH recebeu uma doação de excelente qualidade: cerca de mil volumes que pertenceram ao diplomata Orlando Scalfó Júnior, falecido em julho de 2005. Após a conclusão do curso de Letras na USP (portu-

guês, inglês e francês), Orlando ingressou em 1982 no Instituto Rio Branco, tendo servido posteriormente como diplomata em Londres, Paris, Berlim e, nos anos mais recentes, Pequim e Hong Kong.

Ao longo desse tempo, constituiu um extraor-

dinário acervo bibliográfico, e grande parte deste estará em breve à disposição dos frequentadores da Biblioteca Florestan Fernandes. A doação consiste basicamente de livros em francês, inglês, alemão e italiano, estando contemplados aqui não só os maiores nomes dessas literaturas, mas também críticos e teóricos da mais alta importância – e isso nas melhores edições existentes, muitas delas esgotadas ou de difícil acesso. Entre as centenas de volumes doados, podem-se ressaltar diversas publicações de Mario Praz, Johan Huizinga, Erich Auerbach, Cecil Maurice Bowra, Walter Benjamin

ou ainda seletas coleções sobre William Shakespeare e James Joyce.

Também os livros têm o seu destino, diz a velha sentença latina: *Habent sua fata libelli*. O grande apreço que Orlando Scalfo Júnior sempre teve pela faculdade em que se formou e fez tantos amigos (entre outros, Davi Arrigucci Jr., João Luiz Lafeté, Murilo Marcondes de Moura, Marcus Mazzari) permite afirmar que os livros que adquiriu ao longo de três décadas de paixão bibliofílica encontram nessa doação – viabilizada pela mediação generosa de um outro amigo, Augusto Massi – o seu melhor destino.



O ideograma chinês, que significa “livro”, é símbolo do acervo e está carimbado em todos os seus exemplares.

CURSO DE LETRAS DA FFLCH RECEBE NOTA MÁXIMA DE REVISTA

POR RENATO SANTINO



O curso de Letras de FFLCH recebeu o certificado com cinco estrelas (excelente) na avaliação do Guia do Estudante, revista da Editora Abril que avalia a qualidade das instituições de Ensino Superior.

O resultado da avaliação foi publicado na edição de 2008 do anual *Guia do Estudante Melhores Universidades*, que conta com uma equipe de docentes, coordenadores de curso, diretores de departamento e avaliadores do MEC, responsáveis por classificar os cursos com uma estrela (ruim), duas (regular), três (bom), quatro (muito bom) e cinco (excelente).

A publicação teve início em 1988 e avalia cursos superiores que atendem a titulação de bacharelado (exceto Pedagogia e Educação Física) e possuem turma formada há pelo menos um ano.

FACULDADE DE FILOSOFIA ADERE AO PROJETO USP RECICLA

PROF^a DRA. MARLENE SUANO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – FFLCH-USP

Começou a atuar, em janeiro último, a Comissão FFLCH-Recicla, em consonância com o programa USP RECICLA, iniciado entre 1993 e 1996, nos *campi* da USP de Piracicaba (ESALQ), São Paulo e Bauru (1994), São Carlos (1995) e Ribeirão Preto (1996).

O programa está sob a tutela da *Agência USP de Inovação* e ao longo da última década não vem estabelecendo apenas regras para reciclagem e combate ao desperdício.

O objetivo explicitado pelo projeto é bem mais orgânico: “*contribuir para a construção de sociedades sustentáveis por meio de ações voltadas à minimização de resíduos, conservação do meio ambiente, melhoria da qualidade de vida e formação de pessoas comprometidas com esses ideais*” (Ver: http://www.inovacao.usp.br/usp_recicla/objetivos.asp.htm).

Nada há, na proposta do programa USP RECICLA que se possa, em sã consciência, apontar como inadequado, seja à realidade brasileira que ao ambiente acadêmico. Pelo contrário, o programa é, em si mesmo, um grande e sólido pilar educacional, estimulando e inculcando valores de preservação ambiental, diminuição da geração de resíduos e formação de mentalidade voltada para a preservação socioambiental.

Muitos alunos da Faculdade de Filosofia, vários funcionários e alguns professores vinham já participando das iniciativas do USP RECICLA e todos buscavam entender os motivos da não-participação institucional de sua Faculdade em projeto de tamanha importância.

Afinal, somos ou não somos a Faculdade cujo Departamento de Geografia tanto contribuiu para as ciências ambientais? Somos ou não somos a Faculdade onde tanto, e por primeiro, se discutiu criticamente a sociedade de consumo? Somos ou não somos a Faculdade onde mais se conhece e se estuda o outro, as comunidades indígenas, as diversas formas de apropriação do ambiente físico? Somos ou não somos a Faculdade onde tanto se estuda a Revolução Industrial, que alterou definitivamente a

relação do homem com a vida material?

Como explicar, assim, que sejamos uma das últimas unidades do *campus* de São Paulo a aderir ao programa USP RECICLA? Não há uma resposta pronta e julgamos que a reflexão de todos nós a respeito poderá, isso sim, oferecer pistas para nossa auto-análise enquanto instituição acadêmica.

A título de colaboração, gostaríamos de sugerir que pensássemos sobre o significado da *tolerância* em nossa Faculdade. Nossa consciente – e devida – recusa à intolerância não terá nos levado ao pólo oposto, em detrimento de nosso próprio bem estar e, conseqüentemente, o de nosso semelhante? Temos pena dos faxineiros e não cobramos rigor na limpeza; temos pena das crianças pedintes no *campus* e lhes damos lanches, sem perceber que com isso as treinamos para confiar e seguir adultos que lhes ofereçam comida ou dinheiro, etc. Se não equacionarmos essas questões continuaremos a conviver com um ambiente inóspito.

Nossos alunos de Letras lideraram iniciativa pioneira: fundaram um Núcleo de Estudos do Meio Ambiente. Só o fato de ele ter surgido ali e não nos departamentos cujos estudos dependem mais das considerações ambientais, é um dado que merece consideração.

A Semana FFLCH RECICLA, que teve lugar entre os dias 23 e 27 de março, veiculou, entre outras, essas reflexões.

De maneira prática, a Faculdade de Filosofia entrará na esteira da experiência do programa USP RECICLA: “medidas para propiciar menor geração de resíduos, coleta diferenciada de resíduos, combate ao desperdício, reciclagem”.

A Comissão FFLCH-RECICLA buscará, além da inserção de nossa Faculdade no RECICLA, contribuir para a formação de nossos alunos, pelo despertar de um leque de possibilidades de percursos de carreira, nos quais o meio ambiente e as mudanças que o homem nele provoca podem – e devem – servir de base de estudo e trajetória de vida.

Nesse sentido, foi realizada a semana FFLCH RECICLA, de 23 a 27 de março, com mini-palestras, mesa-redonda e conferência sobre o papel desta Faculdade nos estudos e na preservação ambiental.

A tais atividades compareceram, no total, cerca de 150 alunos, a maioria calouros. Estamos ainda bem longe de atingir a todos: alunos, funcionários e professores, mas é um primeiro passo.

Procure a Comissão FFLCH-RECICLA. Suas idéias são bem-vindas.

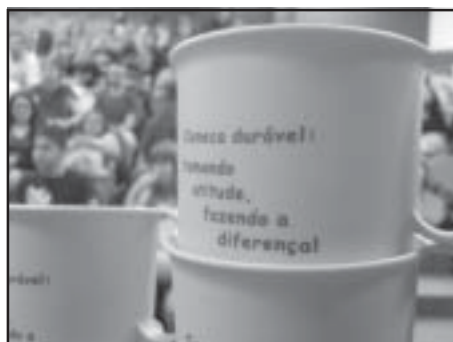
Maria Lucinéia de Almeida CENEDIC - FFLCH-USP.

Marisa de Souto Matos Fierz DG-FFLCH-USP

Marlene Suano DH-FFLCH-USP

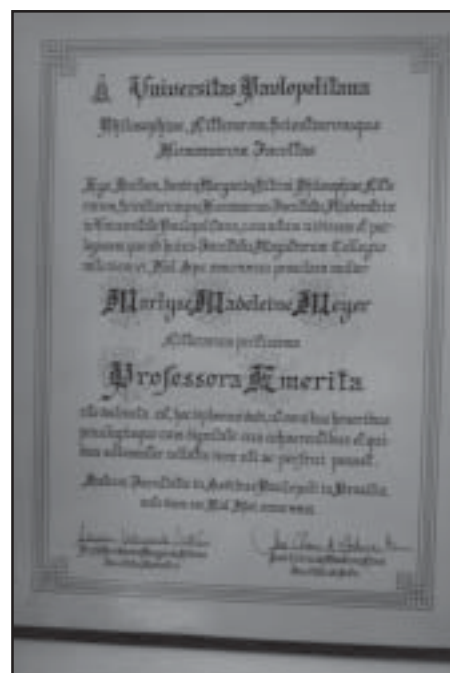
fflchrecicla@usp.br

FOTOGRAFIAS DE CAYO CANDIDO ROSA



PROFESSORA DOUTORA MARLYSE MADELEINE MEYER

CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA



PRODUÇÃO DA FACULDADE



BERGSON – O MÉTODO INTUITIVO

ASTRID SAYEGH

Uma contribuição decisiva para entender como, em Bergson, a intuição pode ser o verdadeiro método filosófico. Não é raro encontrarmos interpretações do filósofo que acentuam um pretense irracionalismo, decorrente da recusa dos procedimentos tradicionais de conhecimento, baseados na hegemonia do conceito e da formalização da realidade. O objetivo de Bergson não é inibir o conhecimento, mas ampliá-lo para além dos quadros que a tradição impôs. Este livro mostra que a totalidade dinâmica na qual de direito estamos inseridos e da qual estamos de fato afastados, só poderá ser recuperada se entendermos que precisão e rigor situam-se na experiência direta da temporalidade real e que o caráter intuitivo desse tipo de conhecimento é algo a que só podemos chegar por meio de um esforço metódico, que envolve a travessia de procedimentos que devem ser superados. O leitor encontrará os meios de compreender a relevância dessa transformação que exerceu grande influência na filosofia contemporânea.

www.editorahumanitas.com.br

A ATUALIDADE DO ACONTECER

ANDRÉ DE MELO ARAÚJO

O título deste livro revela a sua própria dinâmica. A atualidade do acontecer indica não apenas a validade contemporânea da compreensão da história [Geschichte] como algo que acontece [geschehen] nos termos da experiência, mas também demonstra a atualidade do que se faz por sobre o próprio conceito, do que se renova, do que se atualiza no momento presente. O autor sugere o entrecruzamento de dois caminhos que definem uma ambivalência estrutural da teoria hermenêutica: por um lado, a filosofia de Hans-Georg Gadamer (1900–2002) denuncia o artifício moderno da subjetividade em nome da finitude e da historicidade da existência. Por outro, a pesquisa histórica estimula um prolongamento necessário das reflexões gadamerianas, já que o sentido da matéria é a forma humana presente dos resíduos das experiências do passado.



www.editorahumanitas.com.br



ALÉM DAS FRONTEIRAS

VANESSA DOS SANTOS BODSTEIN BIVAR

A presença de estrangeiros na sociedade paulistana pode ser percebida desde muito antes da expansão da economia cafeeira do final do séc. XIX. A autora observou, através dos testamentos, as facetas do cotidiano familiar e econômico no ainda acanhado burgo oitocentista e aspectos das trajetórias de vida de alguns desses primeiros imigrantes, portugueses, alemães, espanhóis, franceses (excerto da apresentação de Carlos de Almeida Prado Bacellar).

www.editorahumanitas.com.br

A CONCEPÇÃO DE MATÉRIA NA OBRA DE SCHOPENHAUER

EDUARDO BRANDÃO

A matéria ocupa um lugar central na filosofia de Schopenhauer: peça chave na metafísica e na metafísica da natureza, seu estatuto constitui-se a partir do cruzamento entre uma tradição aristotélica e o idealismo transcendental de Kant. Ao mesmo tempo, ela se torna um elemento fundamental na crítica de Schopenhauer ao idealismo alemão. Nesse percurso, nela cristalizam-se os seus dois significados, cuja operacionalização, por um lado, exige uma mudança da teoria das representações de Schopenhauer, e por outro possibilita não só o discurso filosófico e um estatuto efetivo para a sua metafísica da natureza, como também a articulação – mesmo que problemática – da visão de mundo do filósofo nos seus diferentes níveis: natureza, moral e estética.



www.editorahumanitas.com.br



OLGA SAVARY – EROTISMO E PAIXÃO

MARLEINE PAULA MARCONDES E FERREIRA DE TOLEDO

A autora, professora da Universidade de São Paulo, analisa as obras da poeta Olga Savary. Além do estudo da poesia, Marleine Paula oferece uma leitura da prosa savaryana.

Para esse estudo, a autora contou com a colaboração da própria Olga Savary, que lhe concedeu entrevistas e lhe cedeu generosamente material que saiu na imprensa nacional e estrangeira. Com linguagem clara e acessível, esta é uma obra para ser lida sobretudo com a alma.

Ateliê Editorial www.atelie.com.br

SITE DO SCS FFLCH NOVA CARA, NOVOS CONTEÚDOS

O Serviço de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, pensando na otimização de seu trabalho, bem como satisfação à comunidade de tudo aquilo que está sendo produzido, lançou recentemente seu site (www.ffiich.usp.br/scs), completamente reformulado: do design ao conteúdo.

No endereço é possível encontrar - além de nossas tradicionais publicações, como o INFORME, Você Sabia (boletim dos funcionários) e Sala de Imprensa - novos materiais de áudio e vídeo, como coberturas de eventos que acontecem no âmbito da Faculdade, edições da TV FFLCH, Rádio FFLCH e Universidade em Discussão, atividades feitas com os funcionários, entre outros.

Acesse nosso endereço e confira as mais diversas novidades que o SCS tem trazido a cada dia.

Mais informações: Serviço de Comunicação Social – (11) 3091-4612/4938 ou comunicacaofflch@usp.br.

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 51 - abril de 2009



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – CEP 05508-900
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513

